

11-01-2024

O LEITOR E O TROPEL DA VIDA**Ricardo Fernandes Gonçalves**

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

Quando lemos um livro abrimos a imaginação ao mundaréu de ideias, personagens e palavras. Às vezes, de tão excepcional, é excruciante concluir um livro. Já proroguei o término de uma leitura devido ao arrebatamento que me provocou. Desejei protelar o regalo da leitura e assegurar a fogueira da curiosidade. Em outros casos, choramos quando uma personagem morre no escoar da trama. A leitura provoca sensações inesperadas ao leitor. Diante de determinada narrativa é possível sentirmo-nos partícipes das batalhas de personagens como Aureliano Buendía, de Gabriel Garcia Marques (2016), mesmo que para perdê-las. Ademais, ler é como viajar, ter as qualidades de um aventureiro, ser um “Crusoe de poltrona”, como afirma Alberto Manguel em *O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça*. Além da metáfora do leitor viajante, Manguel, com erudição, nos apresenta em seu livro outros dois tipos de leitores: o “leitor da torre de marfim” e o “leitor traça de livros”.

Para explorar cada uma dessas metáforas, o autor explicita argumentos fundamentados em denso conhecimento de história, filosofia e literatura. Suas análises vasculham experiências e representações de leitores que perpassam mesopotâmicos, egípcios, gregos e romanos. Manguel demonstra ser um exímio intérprete de Platão, Santo Agostinho, Dante Alighieri, William Shakespeare e Miguel de Cervantes. Com efeito, em *O leitor como metáfora*, o viajante, a torre e a traça se destacam como centros de interpretações que misturam saberes e experiências de Manguel (2017, p.110) como escritor, tradutor, editor e ensaísta.

O autor elucida que desde as civilizações antigas, “[...] *têm sido produzidas imagens de leitores em todas as situações concebíveis, dotadas de significados simbólicos complexos de identidade, poder e privilégio*”.

Sendo assim, compartilho três aspectos surpreendentes da leitura do livro aludido. O primeiro, refere-se às sátiras em torno dos leitores.

E uma das representações que se criou para satirizar leitores foi a do “*Louco dos livros*”. Manguel (p.119) demonstra que “[...] *no final da Idade Média e no Renascimento, a identidade do Louco dos livros foi criada para escarnecer e solapar certos aspectos do poder do leitor. Seus traços eram exagerados, sua atitude, ridicularizada, de modo a associá-lo, não com o louco sábio, não com o “Louco de Cristo” descrito por São Paulo em sua primeira Carta aos Coríntios, mas com o “beberrão” das histórias e peças populares, o bronco, o ignorante que, como a traça, devora livros, mas permanece estúpido*”. A representação do leitor como “maluco” parece ter se arrastado até os dias atuais. É comum depararmos com atitudes irônicas contra leitores, mesmo no meio acadêmico. O incômodo gerado pelo leitor torna-o objeto de sátira, inveja ou competição.

A gozação ocorre quando o leitor prefere a biblioteca do que o bar; opta pela leitura de um romance à festa em finais de semana. O deboche acontece quando alguém chega próximo ao leitor e diz com censura: “*chega de tanto ler! Feche esse livro e vá viver*”.

Manguel (p.113) reage a esse tipo de reprimenda, “[...] *como se ler e viver fossem dois estados diferentes do ser, como se o admoestador temesse que o leitor talvez não soubesse mais a diferença do que é “carne sólida” [...] e do que não é. Vozes do senso comum também reproduzem a representação negativa do leitor quando deparamos com afirmações do tipo: “você ficará doido de tanto ler”; “você vive no mundo da lua”; “fulano enlouqueceu de tanto estudar”; “ele vive isolado do mundo, só pensa em ler”; “ler te deixará perturbado*”. O segundo ponto em destaque no livro de Manguel (p.110) refere-se ao pavor que os leitores provocam nos poderosos, sinalizando que “[...] *desde os tempos dos escribas mesopotâmicos e egípcios, o ofício do leitor foi suspeito de ser magicamente perigoso*”. Os poderosos desdenham dos leitores e se opõem a eles afirmando-se homens da política, da economia ou dos negócios do Estado. À vista disso, o leitor torna-se objeto de conotações negativas que os associam a um ser sem conexão com a realidade cotidiana; um sujeito incapaz de ajudar a mudar a sociedade com sua prática inútil de ler filosofia, poesia e ficção. Em *O leitor como metáfora*, o autor (p.122) demonstra que “[...] *esse é o ressentimento de muitos dos que detêm o poder, dos que opõem as forças políticas e econômicas à atividade intelectual e descobrem que não têm como eliminar a capacidade humana de imaginar o mundo por meio da linguagem*”. Em períodos de ditaduras, como ocorreu no Brasil, leitores críticos foram presos e torturados. Jovens leitores eram vistos como ameaças aos algezes intrépidos agarrados ao poder. Por essa razão, no Governo Bolsonaro (2019-2022) as universidades, *lôcus* da formação de leitores, foram vistas como ameaças e, por isso, atacadas e fragilizadas. O terceiro e último ponto realçado relaciona-se à distinção entre “*o leitor glutão*” e o “*leitor reflexivo*”. O “leitor glutão” é próximo à metáfora da traça como representação do sujeito que lê dezenas, centenas de livros para realçar fama de erudição ou “intelectual”. Contudo, o “glutão” é o leitor de almanaque, de autores, teorias e ideias que, ao final, produzem apenas um paiol de informações. A leitura em demasia e fragmentada do “glutão de palavras” nem sempre o permite constituir uma referência sólida frente ao mundo e ao conhecimento. Por outro lado, o “leitor reflexivo” pode até não ser “devorador de palavras”, mas reconhece o que é uma leitura em profundidade por ser sagaz, atento e apaixonado. A leitura exercida de maneira reflexiva é solidária com a anotação, com as dimensões lexicais, estéticas, discursivas e estilísticas de um texto. O “leitor reflexivo” está seguro da maneira como organiza o pensamento, interpreta o mundo e se posiciona com rigor teórico e político. Ele lê para se sentir por inteiro no tropel da vida.

Quer viver com lucidez, para isso lê.**Quer ler, para isso vive.**

■ ■ ■

Referências:

- Manguel, Alberto. *O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça*. São Paulo: Edições Sesc, 2017.
- Márquez, Gabriel Garcia. *Cem Anos de Solidão*. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 93.ed. 2016.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.